

## Resumo

Os movimentos antiglobalização emergem no cenário político em meados dos anos 90 como formas de resistências ao neoliberalismo e à globalização. Reconhecendo como inspiração original o Exército Zapatista de Libertação Nacional, a Ação Global dos Povos (AGP) é fundada em 1998, tendo como proposta ser uma coordenação mundial de resistências contra o mercado mundial, posteriormente contra o capitalismo, com uma nova proposta de organização: não mais a hierarquia do Partido, mas a horizontalidade da rede, que permitiria múltiplas conexões com diversos movimentos.

Esse novo modelo de organização permitiu que alguns marxistas, notoriamente Antonio Negri, apreendessem esse novo tipo de organização e resistência no conceito de multidão, que se pretende uma atualização do conceito de proletariado na tradição marxista.

Dentre as ações coordenadas pela AGP os Dias de Ação Global, dos quais os mais conhecidos são Seattle (1999) e Gênova (2001), ganham destaque por utilizarem certas práticas oriundas do anarquismo nessas manifestações, especialmente a ação direta.

O presente texto procura então mostrar como essas práticas são utilizadas nos Dias de Ação Global pelos diversos movimentos que a compõe, dando especial atenção à prática da ação direta, e como os anarquistas se deslocam dentro, e fora, da rede constituída por esses movimentos.

## A Ação Global dos Povos (AGP)

A rede de resistências que ficou conhecida como “movimento de movimentos”, nome dado ao conjunto dos movimentos antiglobalização, da qual tanto a AGP faz parte, reconhece seu nascimento e inspiração no dia 1º de janeiro de 1994, data em que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) se insurge contra o neoliberalismo representado pelo Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA, de acordo com a sigla em inglês). As reivindicações dos zapatistas por dignidade, democracia e autonomia, o fato de não reivindicarem o controle do Estado, nem de formarem uma Vanguarda ou um Partido marcam diferenças claras com o modelo de organização marxista-leninista.

Em 1996 os zapatistas convocam o primeiro Encontro pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, reunindo mais de 6000 pessoas de diversos movimentos sociais ao redor do mundo. O sucesso do Encontro é repetido novamente em

---

\* Mestre em Ciências Sociais. Pesquisa as relações entre política, resistências e liberações com ênfase nos anarquismos. Integrante do NU-SOL (Núcleo de Sociabilidade Libertária), núcleo de pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Ministro de Godói, n. 969, 4º andar, sala 4e 20. São Paulo, SP, Brasil. CEP: 05014-901. Tel. 55 11 36708517. brandreotti@gmail.com

1997, na Espanha, e em 1998, em Genebra, é lançada uma coordenação mundial de resistência contra o mercado globalizado, que objetiva servir como um instrumento de comunicação e coordenação das lutas contra o mercado global e construção de alternativas locais que ficou conhecida como AGP. Sua proposta é uma postura de confronto através da ação direta e, ao mesmo tempo, a construção de alternativas globais para o poder do povo (Notes From Nowhere, 2003: 96).

Desse primeiro encontro estavam presentes representantes do Movimento Camponês de Karnakata (Índia), do Movimento Sem Terra, dos maoris da Nova Zelândia, dos movimentos indígenas da América Central e do Sul e ativistas da Europa, América do Norte e Austrália. É importante ressaltar que a AGP foi uma das primeiras organizações em rede a se oporem diretamente à Organização Mundial de Comércio especificamente e ao capitalismo em geral (Idem: 96).

Nessa primeira reunião da AGP são elaborados também os três principais documentos que a definem: seus cinco princípios básicos, seus princípios de organização<sup>1</sup> e seu manifesto, que são modificados na conferência de Bangalore, na Índia, em agosto de 1999, que basicamente expande o “antiliberalismo” da AGP para “anticapitalismo” que basicamente consiste na decisão de que a AGP deveria funcionar como uma rede de comunicação e coordenação de todas as lutas contra o capitalismo e seus efeitos, e não somente das instituições e acordos que o regulam.

São novamente alterados na conferência de Cochabamba, em 2001, ratificando a modificação de Bangalore. Basicamente, qualquer pessoa ou organização pode entrar na rede formada pela AGP e contar com seu apoio para realização de atividades, desde que esteja de acordo e aceite seus princípios. Uma forma muito parecida ocorre com a Carta de Princípios no Fórum Social Mundial, o que é uma característica das organizações em rede: não mais a rigidez ideológica do Partido, mas o princípio da livre-adesão: entra-se quando quer, e pode-se abandoná-la a qualquer momento.

Os cinco princípios são:

“1. Uma rejeição muito clara ao capitalismo, ao imperialismo, ao feudalismo e a todo acordo comercial, instituições e governos que promovem uma globalização destrutiva. 2. Rejeitamos todas as formas e sistemas de dominação e de discriminação incluindo, mas não apenas, o patriarcado, o racismo e o fundamentalismo religioso de todos os credos. Nós abraçamos a plena dignidade de todos os seres humanos. 3. Uma atitude de confronto, pois não acreditamos que o diálogo possa ter algum efeito em organizações tão profundamente antidemocráticas e tendenciosas, nas quais o capital transnacional é o único sujeito político real. 4. Um chamado à ação direta, à desobediência civil e ao apoio às lutas dos movimentos sociais, propondo formas de resistência que maximizem o respeito à vida e os direitos dos povos oprimidos, assim como, a construção de alternativas locais ao capitalismo global. 5. Uma filosofia organizacional baseada na descentralização e na autonomia.” (Princípios Organizacionais da AGP)

É interessante notar que o primeiro princípio, antes de Cochabamba, não se opunha ao capitalismo, mas apenas à OMC e a outros acordos de liberalização do comércio. Essa é uma importante diferença para entender as cisões posteriores do “movimento de movimentos”, que também já estava presente nos zapatistas: se é contra o mercado globalizado e desregulado ou contra o capitalismo? É a

primeira vertente que podemos classificar como disposta a negociações, reformas, direitos, etc., já a segunda com uma postura de confronto que foge às tentativas institucionalizadoras e institucionalizantes.

O quarto princípio também foi modificado em Cochabamba, antes sendo um chamado à “desobediência civil não-violenta e a construção de alternativas locais em resposta à ação de governos e das corporações”. Além da oposição já assinalada entre ser contra o mercado globalizado e contra o capitalismo em geral, presente também na mudança do quarto princípio, vê-se que a referência à não-violência foi retirada e o termo “ação direta” acrescentado. Segundo os documentos da AGP isso é mais uma mudança verbal do que uma mudança de conteúdo político. O problema fundamental era de que não-violência, na Índia, significa respeito à vida e no Ocidente significa também respeito pela propriedade privada. A supressão do termo e a adição da “ação direta” teve por objetivo permitir uma maior diversidade de táticas. Essa também é uma diferença importante para entender as divisões do movimento entre aqueles adeptos às ações de confronto, implicando ações violentas e de confronto, e os adeptos às ações de protesto “carnavalescas”. Voltaremos a esse assunto adiante.

Por hora é o bastante frisar que existem alguns pontos de tangência entre os princípios da AGP e certos princípios libertários, como autogestão<sup>2</sup>, a desobediência civil, ação direta, a descentralização e a autonomia. Barbara Epstein, pesquisadora norte-americana que estuda o anarquismo nos movimentos antiglobalização argumenta que isso constitui mais uma *sensibilidade anárquica* do que propriamente um ponto de encontro com qualquer tipo de anarquismo (Epstein, 2001). Em seu breve artigo a autora mostra que o que esses ativistas entendem por anarquismo não tem nada em comum com as obras de Proudhon, Malatesta, Kropotkin ou Bakunin<sup>3</sup> mas a influência do anarquismo se traduz na própria estrutura organizativa dos movimentos: baseada em grupos de afinidade<sup>4</sup>, no processo decisório baseado no consenso, num certo igualitarismo e uma forte oposição a todas as formas de hierarquia e autoridade.

### **A prática anarquista da ação direta e os movimentos antiglobalização**

Uma boa maneira de nos aproximarmos do que foge à multidão, ou àquilo que ela *organiza*, daquilo que não pode ser nela codificado, é explorar um pouco essa idéia de diferença entre sensibilidade anárquica e anarquismo, não para investir nessa diferença, afinal ela tende a circunscrever o anarquismo no debate sobre o Estado e a organização travado com os marxistas no século XIX e início do XX, mas para notar como algumas práticas libertárias são utilizadas na AGP e como foram ou são utilizadas por anarquistas, dito de outro modo, uma análise de como certas práticas libertárias são utilizadas na AGP.

Iniciemos pela prática anarquista da ação direta. Após a divergência entre anarquistas e marxistas ocorrida na Primeira Internacional, culminando na expulsão dos primeiros no Congresso de Haia, vamos encontrar na Internacional “anti-autoritária”, em Londres, 14 de Julho de 1881, a seguinte afirmação:

“É estritamente necessário fazer todos os esforços possíveis para propagar por atos a idéia revolucionária e o espírito de revolta junto dessa grande facção da massa popular que não toma

ainda para ativa no movimento e que alimenta ainda ilusões sobre a moralidade e a eficácia dos meios legais. Ao sair do terreno legal, a que geralmente temos nos limitado, para passar a nossa ação ao terreno da ilegalidade – que é a única via que conduz à revolução – é necessário recorrer a meios que estejam em conformidade com esse fim” (Maitron, 1981: 11).

O que interessa assinalar aqui é que a ação visava um rompimento com a ordem legalmente instituída, mostrar à “massa popular”, através da ação, o quão limitado o terreno da legalidade é. Foi por meio da ação direta e da propaganda pelo fato que se articulou uma série de ilegalismos populares numa linguagem política anárquica, o anarquismo constitui-se de forma ilegalista (Avelino, 2006: 126-127). O ilegalismo anarquista do final do século XIX estava fora do direito e da moral, mas dentro da política e escancarando os jogos de força.

Historicamente a *propaganda pelo fato* foi associada aos atentados anarquistas que se disseminaram pela Europa no final do século XIX. Já a ação direta, que emerge juntamente com a indicação de propagar princípios anarquistas mediante atos, teve seu meio de propagação no anarco-sindicalismo. Émile Pouget, anarco-sindicalista francês, integrante da Confederação Geral do Trabalho, define a ação direta como manifestação da força e vontade dos trabalhadores, que depende das circunstâncias e do meio, mas que não possui uma forma específica (Pouget, apud Colson, 2003: 19). Vale ainda lembra que é com a ação direta e a propaganda pela ação que o anarquismo rompe radicalmente com qualquer concepção política idealista ou ideológica, o que o impede de ser associado a qualquer programa ou utopia (Idem: 211).

Voltemos agora à AGP para vermos como a ação direta é nela utilizada. Apesar do número de ações e protestos que contaram com a coordenação da AGP serem enormes há um tipo específico que é considerado uma inovação e um sucesso pela AGP, que são os Dias de Ação Global, que poderíamos definir como várias ações diretas coordenadas ocorrendo em diversos locais ao redor do globo com o objetivo de impedir os gestores do capitalismo internacional (OMC, BM, FMI etc.) e deslegitimar tanto o capitalismo quanto essas instituições. Essas ações diretas de protesto são organizadas por grupos de afinidade de forma autogestionária (Ludd, 2002: 10), princípio básico do anarquismo. No Boletim da AGP de número 5 é possível notar a importância da ação direta:

“Ação direta, ao invés de filiar-se a algum partido, ou pleitear por reformas, trata-se da retomada de toda a vida. Trata-se de pessoas, tanto individualmente quanto coletivamente, criarem seus próprios meios de confronto e dismantelo das estruturas de poder que dominam nossas vidas e destroem o planeta. Não temos líderes nem partido, apenas o sonho de um mundo livre e ecológico em que a competição e a coerção são substituídas por comunidade e cooperação. A AGP é fundada sobre o conceito de ação direta, e ação direta é sobre mudar as coisas através da nossa própria organização, tomando o controle sobre nossas vidas e comunidades. O papel da AGP é simplesmente ajudar tais ações, divulgando-as e coordenando-as ao redor do mundo”. (Boletim da AGP, n.5, fev. de 2000).

## **Os Dias de Ação Global**

O primeiro dos Dias de Ação Global coordenado pela AGP não é muito conhecido, a maioria das cronologias aponta como sendo o J18 (ou 18 de junho), evento que precedeu Seattle, ocorreu em maio de 1998 para coincidir com o

encontro do G8, em Birmingham, Reino Unido, e também um encontro da Organização Mundial de Comércio, em Genebra (Boletim da AGP, n.2, jun. de 1998). Ações de protesto de vários movimentos sociais coordenado pela AGP ocorreram não apenas em um dia de maio, mas durante o mês inteiro, incluindo manifestações na Índia e Filipinas, mas é em 16 de maio que acontece a primeira “festa de rua global” em várias cidades (Sydney, Berkeley e Berlim, para citar algumas), organizada pelo grupo *Reclaim the Streets*<sup>5</sup> (RTS), onde é pela primeira vez utilizado um slogan que será uma das marcas do “movimento dos movimentos”: *nossa resistência será tão transnacional quanto o capital* (Notes From Nowhere, 2003: 102-105). Abaixo, uma definição de ação direta dada pelo RTS de Londres:

“A ação direta diz respeito à percepção da realidade, e à tomada por si próprio de uma ação concreta para transformá-la. Diz respeito ao trabalho coletivo para resolver nossos próprios problemas, fazendo o que refletidamente acharmos ser a forma correta de ação, sem considerar o que as várias ‘autoridades’ julgam aceitável. Diz respeito à ampliação das fronteiras do possível, diz respeito à inspiração, ao aumento de potencial. Diz respeito ao pensamento e à ação de tomar, não de pedir e mendigar” (RTS, apud Ludd, 2002: 95).

Em Birmingham, durante o encontro do G8 quase 75 mil pessoas do *Jubileu 2000*<sup>6</sup> formaram uma corrente humana ao redor do local de reunião, o *Reclaim the Streets* organizaram vários grupos de manifestantes (em torno de 6 mil) vestidos de palhaço no centro da cidade. Os membros do G8 foram obrigados a sair da cidade para continuar o encontro. Em Genebra, onde seria realizado o encontro da Organização Mundial de Comércio, em torno de 10 mil pessoas rumam para o local da reunião. Os protestos duram por 3 dias. É importante notar que mesmo nesse Dia de Ação Global muitos manifestantes já adotam táticas de confronto direto, como ataques à propriedade privada, sobretudo lojas de fast-food como o McDonalds, e confronto direto com a polícia. Muitos são presos e há relatos de tortura por parte da polícia européia. Outro ponto importante é que embora as ações diretas tenham o objetivo de protestar e impedir as reuniões do G8 e da OMC, elas clamam não pela reforma do sistema, mas sua *abolição*.

O primeiro Dia de Ação Global foi considerado um sucesso pela AGP e pelos grupos participantes. Reproduzo abaixo alguns trechos do panfleto internacional que circulou como chamado ao segundo Dia de Ação Global de 18 de junho de 1999 (J18<sup>7</sup>), data escolhida para coincidir com o encontro do G8 em Köln, Alemanha.

Nele há uma breve definição do que são e seus objetivos:

“Um dia internacional de protesto, ação e carnaval dirigido ao coração da economia global: os centros bancários e financeiros em volta do globo. (...) Ativistas de diversos grupos em todo o mundo estão discutindo, formando redes e se organizando para um dia internacional de ação direcionada ao coração da economia global (...) o sistema capitalista global, baseado na exploração das pessoas e do planeta para o lucro de poucos, é a raiz de nossos problemas sociais e ecológicos. A ocupação e alteração no 18 de Junho (J18) dos distritos financeiros, simultaneamente em todo mundo, será uma contribuição para o – e um exemplo prático do – processo de construção de conexões e alternativas à ordem social atual. (...)IMAGINE substituir a ordem social existente por uma sociedade ecológica livre baseada no apoio mútuo<sup>8</sup> e na cooperação voluntária” (Apud Ludd, 2002: 25-27)

Nesse trecho duas características importantes para o sucesso tático e estratégico dos Dias de Ação Global já começam a tomar forma: a organização em rede e os protestos carnavalescos.

O que está em jogo na rede é um tipo de organização horizontal, não hierárquica, oposta às organizações piramidais, da qual o Partido e a Vanguarda são os paradigmas. Redes dispersas ao invés de formas unitárias (Notes from Nowhere, 2003: 64).

Os Dias de Ação Global não ocorrem pela “convocação de um comando central”, a AGP não é isso, mas porque um elemento na rede o propõe. O que a AGP faz é simplesmente disseminar a proposta através da rede e articular conexões possíveis. É uma forma de organizar e criar condições para que uma certa espontaneidade, vital para a rede, ocorra:

“Espontaneidade é uma ferramenta vital para a resistência, mas ocorre sob certas condições. (...) Incríveis estruturas são desenvolvidas com antecedência: grandes prédios são transformados em centros de convergência, workshops são feitos, treinamento e reuniões de coordenação; formam-se grupos de afinidade que encontram-se com outros grupos, um canal de comunicação é estabelecido via telefones celulares, pagers, etc. os centros de mídia independente<sup>9</sup> são montados, assim como rádios piratas, prontas para compilar informações de vários repórteres que circulam pelas ruas; desenvolvem-se panfletos, cartazes; a lista é interminável. Leva meses para planejar as ações que podem sobreviver ao caos das ruas e à ação repressiva do Estado.” (Notes From Nowhere, 2003: 68-69)

Sendo convocado por vários grupos do Reino Unido, como o já citado RTS, o *Earth First!*<sup>10</sup> e o *London Greenpeace*<sup>11</sup> e utilizando-se das articulações proporcionadas pela AGP o J18 ocorre com o principal objetivo de reunir os diversos grupos e movimentos ao redor do mundo, reconhecendo que seus problemas e reivindicações são globais são apenas uma parte de uma luta geral contra o capitalismo, causando uma mobilização muito maior que o Dia de Ação Global precedente, com ações ocorrendo em 40 países, dentre eles Brasil<sup>12</sup>, Malta, Nigéria, Nepal, Coréia. Estados Unidos e Zimbábue, mas as principais ações ocorreram na cidade de Londres, onde foi organizado o primeiro *Carnaval contra o Capital*, mobilizando mais de 10 mil pessoas que ocuparam o centro financeiro da Europa impedindo seu funcionamento.

Os protestos carnavalescos nos Dias de Ação Global são considerados uma das principais inovações táticas do movimento de movimentos e é onde seus princípios de diversidade, criatividade, descentralização e horizontalidade e prática de ação direta se realizam (Idem: 174):

“Carnaval e revolução possuem objetivos idênticos: virar o mundo de cabeça pra baixo, celebrar nosso anseio pela vida, um anseio que o capitalismo tenta destruir com o consumismo. No fato de ser imediato, o carnaval recusa a constante mediação e representação do capitalismo (...) O Carnaval funciona sobre todo o mundo, como ação política, como uma celebração, como uma realização catártica, como um selvagem abandono do status quo, como uma ferramenta da rede, como um modo de criar um novo mundo (...) Ao invés de simplesmente dizer ‘NÃO – nós somos contra isso’, o Carnaval grita ‘OLHE – isso é o que queremos e não vamos pedir permissão. Nós estamos fazendo aqui e agora’. Nos dá uma idéia do que é possível, atijando nossa imaginação e nossa crença numa utopia – uma utopia definida não como um não-lugar, mas como esse lugar.” (Ibidem: 175 e182).

As ações do Carnaval contra o Capital possuíam um audacioso projeto logístico. Aproximadamente 8 mil máscaras divididas igualmente em cores diferentes (vermelho, verde, negro e dourado) foram distribuídas entre os manifestantes. Alguns grupos de afinidade, em torno de 4, com aproximadamente 10 pessoas cada, guiariam a multidão. Apenas 50 pessoas, não mais do que 100, sabiam exatamente a finalidade do protesto com antecedência, o que dificultou a ação da polícia (Days of Dissent: 16). Os grupos espalharam-se pelo centro financeiro da cidade, obviamente tendo que lidar com a dispersão das informações e o imprevisto, todos e ninguém estavam no controle, com um sucesso espetacular. A estrutura centralizada e hierárquica da polícia não pode conter as ações em rede e horizontais dos pequenos grupos afinidade que tomaram conta de Londres.

Também durante o J18 houve ações de confronto direto com a política e destruição de propriedade, a mais notória o ataque ao prédio da LIFFE (uma das bolsas de Londres que negociam ações), mas isso não era, ainda, um fato de cisão dentro do movimento. Apesar de incapaz de conter os protestos, a polícia de Londres havia prendido, até o final de 1999, cerca de 50 pessoas pelos protestos do J18 (Idem: 17).

### **Seattle e os Black Blocks**

É durante a já citada segunda conferência da Ação Global dos Povos realizada em agosto de 1999, na Índia, que o chamado para o 30 de novembro (N30), em Seattle, data e local escolhidos para coincidir com o terceiro encontro da Organização Mundial de Comércio, acontece, motivada pelo sucesso do J18. Abaixo, trechos do chamado às ações do N30, que circulou em diversas línguas, inicialmente como uma parte do boletim da AGP número 4, e posteriormente em várias versões na forma de panfleto, que possui o subtítulo *deixe nossa resistência ser tão transnacional quanto o capital*. No informe sobre o N30 que circula no boletim também há informações sobre o objetivo e a tática que será utilizada para alcançá-lo: o cancelamento da reunião da OMC através da ação direta não-violenta. As diretrizes das ações do N30 são bem claras: não usar violência física ou verbal contra qual pessoa; não usar armas; não portar álcool ou drogas nem destruir propriedade.

Apesar de haver uma importante ressalva sobre essas diretrizes não serem requisitos filosóficos ou políticos ou julgamentos sobre um tipo de tática sobre outras, mas apenas servirem como um acordo para criar uma base de confiança para uma ação conjunta, aqui já é possível notar, se não uma restrição ou um julgamento, pelo menos uma *escolha* sobre quais táticas devem ser utilizadas e quais não. Vale ainda ressaltar que as convocações para as ações sob essas diretrizes partem da *Direct Action Network*<sup>13</sup> (DAN), *Earth First!*, *Global Exchange*<sup>14</sup> e *Rainforest Action Network*<sup>15</sup>.

Mais de 700 organizações e 75 mil pessoas tomaram parte dos protestos em Seattle<sup>16</sup>, impedindo a reunião da OMC no dia 30 de novembro, que seria adiada para o dia seguinte, porém sem nenhum acordo significativo. O plano era relativamente simples: houve uma divisão do centro de Seattle, como se fossem

“pedaços de torta”, cara grupo de afinidade, ou grupos, ficariam responsáveis por obstruir uma “fatia”, encontrando-se novamente no centro (Ludd, 2002: 66). Assim como no J18 nenhum grupo tinha conhecimento total sobre o plano, o que impediu qualquer ação policial preparada com antecedência e o sucesso da manifestação.

Algumas organizações que estavam presentes não fizeram parte das diretrizes estabelecidas do N30, entre elas a *Seattle Anarchist Response*, que ajudou bastante a formação e atuação dos *Black Blocks* em Seattle e que claramente adotou uma postura que violou as diretrizes sobre “não-violência” que circularam pelos boletins da AGP. O Black Block não é um grupo ou organização, ele é apenas uma *tática*. Essa tática, em Seattle, constitui-se na destruição de propriedade de grandes lojas de marcas conhecidas. Não é formado exclusivamente por anarquistas, embora um número considerável de seus participantes o seja. Também se utilizam da organização horizontal e não-hierárquica, por grupos de afinidade, e nisso não diferem das demais organizações em rede que estiveram no N30. Abaixo um comunicado feito pelo Black Block que atuou em Seattle no N30. Nele encontramos uma descrição de suas ações, de como elas foram recebidas pelos demais ativistas e uma crítica aos protestos carnavalescos:

“O Black Block era um agrupamento livremente organizado, formado por grupos de afinidade e indivíduos que perambulavam pelo centro da cidade, tomando uma determinada direção, ora por causa de uma fachada de loja significativa e vulnerável e ora por avistar um contingente policial. Diferentemente da vasta maioria de ativistas que levaram spray de pimenta na cara, gás lacrimogêneo e foram atingidos por balas de borracha em várias ocasiões, a maior parte de nossa fração do Black Block escapou de ser gravemente ferido por permanecer em constante movimento e evitar contato com a polícia. (...) Em pelo menos seis diferentes ocasiões, os assim chamados ativistas ‘não-violentos’ atacaram fisicamente indivíduos que visavam propriedades de corporações. (...) A destruição de janelas e vitrines trouxe o engajamento e inspirou muitos dos membros mais oprimidos da comunidade de Seattle, mais do que qualquer boneco gigante ou fantasia de tartaruga do mar poderia conseguir.” (Comunicado do N30 Black Block pelo coletivo ACME, apud Ludd, 2002: 59-60).

Há uma crítica muito séria feita dentro do movimento aos Black Blocks: a de que eles estariam deslegitimando-o com as ações de destruição de propriedade e o confronto com a polícia, ou ainda pior, que, a partir do momento em que suas ações rompem com a “não-violência” isso cria condições para que a polícia possa usar de violência nas manifestações, o que é de fato falso, pois a violência policial foi usada nas manifestações antes das ações de confronto dos Black Blocks. Porém, o que é importante ressaltar é que a partir desse momento ocorre uma cisão dentro do “movimento de movimentos”, e mais do que isso, uma discriminação entre as táticas. Alguns grupos adeptos da ação direta não-violenta, notoriamente membros de ONGs, não cessarão de argumentar o quanto a violência deslegitima o movimento e causa a reação da polícia, enquanto os adeptos da ação direta, e aqui não se coloca qualquer qualificação ao termo, pois não existe uma forma específica de ação direta (Colson, 2003: 19), não cessarão de argumentar o quanto as suas ações são perfeitamente legítimas, levando os protestos para um nível radical e atraindo jovens, membros das classes baixas, negros, etc. ao movimento. Ainda cabe notar que os Black Blocks não se colocam à parte do movimento, mesmo com as críticas, procuram atuar *com o movimento*.



## Pós-Seattle

O primeiro acontecimento pós-Seattle foram os protestos contra a reunião do Banco Mundial e do FMI em Washington DC, entre 15 e 17 de abril de 2000. Embora tenha ficado conhecido como A16, o mesmo método de nomeação dos Dias de Ação Global, as ações ficaram restritas à Washington, embora tenha contado com a participação de grupos de diversos países como África do Sul, Guatemala, Haiti, Filipinas, Nigéria, Uganda, e com a mesma diversidade característica dos Dias de Ação Global, com a participação de sindicatos, grupos religiosos, ONGs, estudantes... e os Black Blocks.

As ações dos Black Blocks em Washington apresentam dois importantes diferenciais em relação à Seattle: 1) Aumento do número de participantes: embora em Seattle não haja nenhum número preciso da quantidade de participantes, as fontes indicam que o número era bem maior, variando entre 1000 e 1500; 2) Mudança de estratégia: em Seattle os Black Blocks concentraram-se na destruição de propriedade, sendo o confronto com a polícia uma consequência, no A16 o objetivo era afastar a polícia dos manifestantes que empregariam ações diretas não-violentas, provocando um confronto direto (Ludd, 2002: 76).

A mudança de estratégia provocou uma nova onda de críticas por uma parte da ala “pacifista e carnavalesca” do movimento. Caberia perguntar o motivo de uma parte do movimento, a parte formada principalmente por ONGs, sindicatos e pelos membros da esquerda institucionalizada que migrará para os Fóruns Sociais Mundiais, clamar pelo reconhecimento de suas ações como “legítimas” pelo próprio sistema que procuram denunciar, exigindo cada vez mais uma certa “legalidade” ao movimento, recusando-se a compor com os grupos que utilizam-se da prática anarquista da ação direta, que, como foi mostrado, não reconhece a fronteira entre legalidade e ilegalidade, constituindo-se numa prática de liberdade.

As ações do A16 não foram bem sucedidas em impedir a reunião do Banco Mundial e do FMI, mas conseguiram criar sérias dificuldades para sua realização, atraindo a atenção da mídia, sobretudo com a atuação dos Black Blocks, fazendo repercutir ainda mais os acontecimentos de Seattle.

O primeiro Dia de Ação Global que não foi articulado em função do encontro de nenhuma instituição ou grupo capitalista foi o 1º de Maio de 2000, ou *MayDay 2000*, como ficou conhecido. Convocado pelo RTS, mas utilizando-se da AGP para sua realização.

Apesar das atividades terem se concentrado na cidade de Londres houve protestos por todo mundo, inclusive no Brasil, onde cerca de 200 atividades marcharam de Santos a São Vicente, inspirados pela AGP, e em São Paulo, Brasil, onde dezenas de anarquistas são presos em manifestação na Avenida Paulista (Ryoki & Ortellado, 2004: 140).

Diferente dos demais Dias de Ação Global, o *MayDay 2000* foi considerado um fracasso pelas redes que dele fizeram parte, notadamente o RTS que o convocou. Há uma crítica sobre a falta de planejamento das ações do *Mayday 2000*, apontada como causa de seu fracasso (*Bash Street Kids, Reclaim the Streets* apud Ludd, idem: 101-102).

O próximo Dia de Ação Global seria realizado em Praga, capital da República Tcheca, em 26 de setembro de 2000 (S26), data escolhida para coincidir com a reunião do Banco Mundial e do FMI na cidade. A iniciativa do chamado ao S26 coube ao *Earth First!*, ao coletivo anarquista que publica o boletim chamado *Konfrontace* (Confronto) e alguns outros grupos que mais tarde formaram o *Czech Reclaim The Streets*, o RTS tcheco. Esses grupos contataram outros como a Federação Anarquista Tchecoslováquia, o coletivo anarquista responsável pela publicação do boletim *A-kontra* e algumas ONGs voltadas ao cuidado com o meio-ambiente, utilizando-se da AGP para ampliar a rede, formaram o INPEG (Iniciativa Contra a Globalização Econômica) (Days Of Dissent: 24-25).

A proposta do S26 era de uma retomada do modelo de organização colocado em prática em Seattle, com algumas diferenças: houve uma escolha deliberada da INPEG em não organizar os protestos em conjunto com algumas ONGs, nomeadamente o *Jubileu 2000*, o *CEE Bankwatch*<sup>17</sup> e o *Friends of the Earth*<sup>18</sup>, por entenderem que a vertente reformista que representavam não estava de acordo com as opiniões, objetivos e métodos propostos pelo INPEG; a recusa em colaborar com grupos ligados ao Partido Comunista Tcheco. Embora esses grupos não fizessem parte das ações promovidas pelo INPEG eles também promoveram ações no S26, bem como outros grupos que optaram por não participar do INPEG, como a *Federation of Social Anarchists*<sup>19</sup> e, novamente, os Black Blocks.

No S26 cerca de 12 mil pessoas participaram das ações diretas promovidas pelo INPEG e demais grupos que tinham como objetivo impedir a realização do encontro do Banco Mundial e do FMI; novamente houve uma divisão em blocos de diversas cores: amarela, liderada pelos *Tute Bianchi*<sup>20</sup>; rosa, onde predominavam os marxistas; rosa-prateado, com os protestos carnavalescos, na qual o *Pink Block* destacou-se, sendo uma presença importante nos demais Dias de Ação Global; e azul, que reunia os mais radicais, “mais ou menos anarquista” (onde os Black Blocks estavam) (Idem: 27). O objetivo foi alcançado: a reunião do FMI e do Banco Mundial foi encerrada um dia mais cedo. Mas o S26 também contou com ações no mundo inteiro: no Brasil, em São Paulo, cerca de mil pessoas ocuparam as ruas, protestando em frente à Bolsa de Valores, com pedras arremessadas e teatro de rua. Também houve protestos em Belo Horizonte e Fortaleza (Ryoki & Ortellado, 2004: 141); também há registros de protestos na Argentina, Canadá, Estados Unidos, Israel, para citarmos apenas alguns países.

A ação policial atingiu o maior patamar até então, contando com cerca de 11 mil policiais, porém o S26 foi considerado um sucesso, não só por ter efetivamente conquistado seu objetivo, mas por ter atraído uma massa de jovens e muitos menos ONGs (Ludd, 2002: 127), mas também por registrar protestos em mais de 110 cidades, o maior número até então (Boletim da AGP n.06, 2001).

Entre o S26 e o próximo Dia de Ação Global duas importantes manifestações ocorrem: na reunião do Fórum Econômico Mundial, em Cancun, entre os dias 26 e 27 de fevereiro de 2001, onde embora o número de participantes seja consideravelmente menor (cerca de 500), a reunião é terminada antes do previsto; e na reunião do Fórum Global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com um número de

participantes consideravelmente maior, as fontes relatam números entre 20 e 40 mil.

O próximo Dia de Ação Global aconteceria em 20 de abril de 2001 (A20), na cidade de Quebec, Canadá, dessa vez para coincidir com a reunião de cúpula de todos os presidentes americanos (exceto Cuba) realizada para discutir a implementação do Acordo de Livre-Comércio das Américas (ALCA).

O A20 foi organizado por algumas redes que realizaram protestos independentes umas das outras: uma composta de ONGs e movimentos sindicais canadenses, que tinham como objetivo que houvesse uma “cláusula social” no acordo que seria assinado, a Operação Primavera de Quebec 2001 (OQP-2001), que contava com a participação de ONGs, alguns sindicatos mentores e do movimento estudantil, e por fim uma associação anarquista chamada Convergência Anticapitalista (CLAC), na qual estariam os Black Blocks, do qual sairia uma dissidência, o Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas (CASA), mas que trabalharia em conjunto com a CLAC (Ludd, 2002: 150).

Inicialmente havia a proposta de uma colaboração entre o OQP-2001 e a CLAC, mas essa colaboração foi rompida por a primeira preferiu organizar-se de maneira hierárquica e não apoiar protestos violentos, diferente da proposta da CLAC e da CASA, que defendiam o respeito à diversidade de táticas (Idem: 151-152).

Como em todo dia de Ação Global houve protestos em diversas cidades do mundo, mas dessa vez concentrada em cidades americanas. Em São Paulo houve protestos na Avenida Paulista, contando com cerca de 2000 manifestantes duramente reprimidos pela polícia, dos quais 79 presos, 10 torturados e mais de 100 feridos (Ryoky & Ortellado, 2004:141). Em Quebec as ações, nos moldes de Seattle (protestos carnavalescos, bloqueio dos locais próximos à reunião, etc.), e contaram com cerca de 30 mil participantes. Embora na época a mídia tenha noticiado que a reunião tenha sido um sucesso e que um acordo foi assinado, isso foi um equívoco: o que foi acordado foi simplesmente que as reuniões continuariam (Notes from Nowhere, 2003: 339), e esse fato é considerado marca do sucesso do A20.

A atuação dos Black Blocks foi considerada novamente um sucesso, dessa vez incluindo um novo elemento em sua atuação: a CLAC e a CASA fizeram uma campanha de esclarecimento com os moradores locais, entregando panfletos com informações sobre os objetivos e métodos dos Black Blocks, o que contribuiu para um aumento do apoio dos locais às suas ações. Também dessa vez estavam mais equipados, aumentando sua efetividade no confronto. Porém as oposições com os manifestantes não-violentos também foram mais acirradas, em alguns casos, resvalando para o confronto físico (Coletivo Barricadas, apud Ludd: 2002: 156-158). A cisão entre “violentos” e “não-violentos” e a criminalização dos Black Blocks seria escancarada no próximo Dia de Ação Global, em Gênova.

Entre o A20 e J20 (20 de junho, data em que ocorreria o encontro do G8 em Gênova), acontecem, em junho, um encontro do Banco Mundial e do FMI em Praga, marcado por protestos, sendo um novo encontro convocado em Barcelona, mas é cancelado antes mesmo de seu início pela ameaça de novos protestos. Em 15 de junho uma reunião da União Européia também é marcada por protestos em Gotemburg, Suécia. Todas as manifestações são duramente reprimidas pela

polícia, antecipando a ação policial sem precedentes vista em Gênova (Ludd, 2002: 162).

## **Gênova**

As mobilizações em torno do J20 iniciaram alguns dias antes devido ao Fórum Social de Gênova (FSG). A ação policial já havia sido iniciada, com a cidade sendo dividida por zonas de cores, cada cor com uma restrição ao deslocamento de pessoas específica, o fechamento de aeroportos (cerca de 200 vôos cancelados) e com várias blitzes organizadas pela polícia.

Apenas alguns dias antes as ações de protestos e alianças da maioria dos grupos participantes começa a ser articulada (excetuando-se os manifestados das ONGs do FSG, com sua passeata para o dia 20 marcada com alguma antecedência). É formada a *Ofensiva Internacional de Gênova* (OIG), composta quase inteiramente por anarquistas. A OIG decidiu não colaborar com as ONGs do FSG, pois estas não apoiavam ações violentas, nem com o *Ya Basta/Tute Bianche*, pelas diferenças de táticas e posturas políticas (o Ya Basta havia tomado uma postura reformista, de negociação com as instituições, e seus efeitos seriam apenas “midiáticos”) (Brian S, apud Ludd, 2002: 169). As ações do dia 20 ainda contariam com a presença de alguns sindicatos e, claro, dos Black Blocks.

Mesmo com toda a ação policial os protestos se iniciaram no J20 com o objetivo de fechar a reunião do G8 através da prática de diversas ações diretas coordenadas, como nos Dias de Ação Global anteriores. As fontes relatam um total de 200 a 300 mil participantes, o maior registrado. A maioria dos manifestantes pertencia ao *Ya Basta*, com a tática dos *Tute Bianche*, com cerca de 10 mil.

Os relatos indicam uma ação inicial da polícia sem nenhum tipo de provocação por parte dos manifestantes, mas, após a primeira ação, que teria sido tomada contra grupos não-violentos, os Black Blocks e demais grupos de confronto tomam uma posição ofensiva. O confronto entre a polícia e os manifestantes tem seu ápice na morte de Carlo Giuliani, estudante de 23 anos de idade participante dos protestos, levado à condição de mártir. A polícia também invadiu a escola *Diaz*, local em que muitos manifestantes vindos de outras partes do mundo estavam alojados, e o *centro de mídia*, local em que ficavam agrupadas as ONGs que participavam do FSG e também o Centro de Mídia Independente (CMI) que fazia a cobertura dos acontecimentos, onde houve espancamento de diversas pessoas, e a apreensão de materiais do CMI, bem como a prisão de diversas pessoas. Mesmo com o fim oficial da reunião do G8 na noite do dia 21 a ação da polícia continuou nos dias seguintes, com centenas de pessoas presas, torturadas e feridas. Como em todos os Dias de Ação Global foram registrados protestos em várias cidades do mundo, que aumentaram depois da notícia da morte de Carlo Giuliani. No Brasil, cerca de cinco mil pessoas protestam em São Paulo (Ryoki & Ortellado, 2004: 141).

## **De Seattle à Gênova: divisão do movimento**

Gênova é considerada pelos ativistas do movimento como um momento chave (Notes From Nowhere: 2003: 356), por dois motivos principais: a brutalidade das ações policiais e a divisão que ocorre entre os praticantes de ações diretas violentas e não violentas, os primeiros compostos em sua maior parte por anarquistas, os segundos por membros de ONGs, sindicatos e partidos.

Várias acusações foram feitas contra os Black Blocks, parte do movimento que pratica ações diretas violentas mais visível, que se tornaram o bode expiatório daqueles que buscavam legitimidade ao movimento pelas vias legais. Houve o boato, disseminado por participantes do FSG, de que os Black Blocks de Gênova seriam policiais disfarçados, cuja violência justificaria a ação policial (K, apud One-Off Press, 2001: 32). Silvio Berlusconi, então primeiro-ministro italiano, acusou o FSG de colaborar com os Black Blocks e Vittorio Agnoletto, político italiano de orientação comunista, então porta-voz do FSG e futuro membro do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, respondeu que a tal afirmação por parte de Berlusconi era um ato de difamação. Também há vários relatos de confrontos entre os Black Blocks e os participantes não-violentos dos movimentos. Basicamente, houve a tentativa de uma criminalização dos Black Blocks que partiu de dentro do movimento, para que não fosse sacrificada a tão desejada *legitimidade* almejada pelos ativistas não-violentos.

A partir desse momento as posturas se dividem: uns apostando nessa divisão entre os ativistas mais radicais, que continuamente são identificados com os anarquistas dentro do movimento, e dos mais moderados, identificados com membros de partidos, ONGs e sindicatos, outros apostando na necessidade dessas duas posturas permanecerem unidas. O fato é que as duas tendências se mostram irreconciliáveis após o J20, e os moderados engrossarão as fileiras dos Fóruns Sociais Mundiais.

Após o J20 os Dias de Ação Global assumem uma nova configuração. Em 9 de novembro de 2001 (N9), data escolhida para coincidir com o encontro da Organização Mundial de Comércio, na cidade de Doha, Qatar, no Oriente Médio, onde devido o regime político proíbe todo e qualquer protestos. A AGP convoca um Dia de Ação Global *descentralizado*, com ações ocorrendo em cerca de 70 cidades ao redor do mundo, mas nenhuma tentativa de bloquear a reunião no Qatar (Notes From Nowhere, 2003: 419). Em 12 de outubro de 2002 (O12), data escolhida para coincidir com a descoberta da América, a AGP também convoca mais um Dia de Ação Global, também descentralizado, dessa vez focado em cidades americanas e com protestos direcionados contra a ALCA (Idem: 482). Outros Dias de Ação Global foram, e ainda são, convocados, mas com um crescente esvaziamento por parte dos anarquistas.

## **Multidão & Anarquia**

Antonio Negri argumenta que os chamados movimentos antiglobalização representam um novo paradigma de organização de resistências, não mais a estrutura piramidal do Partido e da Vanguarda, mas uma organização em rede, rede de redes, forjando o conceito de *multidão* para apreender teoricamente esse novo tipo de organização e resistência.

Do ponto de vista ontológico a multidão é um conjunto difuso de singularidades que produzem vida em comum, um tipo de carne social que se organiza em um novo corpo social. Isso é biopolítica<sup>21</sup>, a produção da vida em comum, tendo como ponto de partida e ponto de chegada o comum; o comum é produzido sempre a partir de singularidades que cooperam, sem a necessidade de uma organização exógena. Do ponto de vista ontológico o poder constituinte da multidão é a expressão molar dessa produção biopolítica (Negri & Hardt, 2005: 436).

Do ponto de vista sociológico, o poder constituinte da multidão aparece como cooperação e comunicação em redes, trabalho social formado pelo comum. Multidão como um conceito de classe. Essas redes de produção social proporcionam uma certa capacidade institucional para uma nova sociedade. É o trabalho social da multidão que nos move diretamente para o poder constituinte (Idem: 437). Negri, como um bom marxista, não pode deixar de pensar o fundamento ontológico do homem fora do trabalho.

Do ponto de vista político a multidão nada mais é o momento no qual a multidão expressa seu poder comum e sua capacidade de tomada de decisão. É o momento da expressão do poder constituinte que emerge do processo ontológico e sociológico do trabalho da multidão (Ibidem: 438). É a potência democrática da multidão em ato, produção biopolítica que implica necessariamente em uma organização, na derrubada no Estado e na institucionalização de um outro Estado, aberto à dinâmica do poder constituinte da multidão.

Ao elaborar uma genealogia das lutas por libertação Antonio Negri toma como princípios a sua *eficácia*, pois elas devem se organizar da maneira mais eficaz para combater a forma vigente de poder a qual resiste, a *necessidade de que sua organização esteja adequada às formas de produção econômica e social*. Noutras palavras, no marxismo de Negri, por mais híbrido que esteja com o pós-estruturalismo de Foucault e Deleuze, o local de resistência privilegiado de resistência e fundamento ontológico do homem é o trabalho. Por fim, e o mais importante, a *democracia e a liberdade como princípios orientadores das formas de organização e resistência* (Hardt & Negri, 2005: 126). Levando em conta esses três princípios Negri argumenta que as formas de resistência vistas na Comuna de Paris e na Revolução Russa de Outubro, que se caracterizavam pela criação de vanguardas políticas, pela criação de organizações de contrapoder para a conquista do poder de Estado e estabelecimento da ditadura do proletariado, hoje não são mais possíveis (Idem: 104). A forma de resistência mais adequada atualmente para a multidão seria a que tem como modelo a organização em rede, uma vez que estão de acordo com o trabalho imaterial e representam um avanço democrático em relação às organizações piramidais do tipo Partido e Vanguarda, portanto, mais aptas a combater o Império (Ibidem: 127). Negri considera como modelos mais avançados desse tipo de organização o Movimento Zapatista, os Movimentos Antiglobalização de Seattle e Gênova e os Fóruns Sociais Mundiais (Ibidem: 123-125), uma vez que, estando plenamente de acordo com os três princípios, possuem a forma de organização necessária para realizar plenamente a promessa de uma sociedade democrática (Ibidem: 129). Não obstante, há uma crítica a todos os modelos citados relativa à sua incapacidade de se transformar numa luta fundadora e de articular uma organização social alternativa (Ibidem:

126). Porém interpretar os Dias de Ação Global em termos de uma promessa de sociedade democrática é ver nele um conteúdo utópico que, se existe, existe apenas de maneira secundária. Essa marca de ressentimento, que projeta para o “não-lugar” de uma sociedade futura a liberdade e igualdade que não se possui agora, e que também acarreta a submissão no presente para sua conquista no futuro, não está de acordo com a perspectiva dos protestos carnavalescos dos Dias de Ação Global. Como vimos, para os diversos grupos de afinidade praticantes da ação direta, especialmente os anarquistas, o que estava em jogo era uma afirmação do que era possível naquele momento, sem pedir permissão:

“O carnaval nos ensina não a esperar, mas a viver o futuro que desejamos agora. Nos ensina a não implorar àqueles que seguem um caminho repressivo e ascético de luta, que adia o prazer, junto com a igualdade racial e de gênero para ‘depois da revolução’. Na sua celebração de tudo o que está se movendo e mudando, na sua hostilidade a tudo que é imortal e completo, o carnaval nos lembra a recusar a idéia de que a revolução não é algo que já está pronto e que por ela nós esperamos, mas um processo que começa aqui e agora” (Notes from Nowhere, 2003: 182).

Poderíamos então caracterizar os Dias de Ação Global como heterotopias, como “utopias realizadas” (Foucault, 2001), o que configura uma relação libertária com as utopias, como explicita Passetti:

“A heterotopia anarquista interessa como problematização atual da existência. (...) Os anarquistas buscam sim a utopia da sociedade igualitária a cada instante de suas vidas. (...). Para os anarquistas há um lugar no futuro em que a Sociedade substituirá o Estado, a posse esmagará a propriedade, a razão livre, livre estará das religiões, o mutualismo econômico e o federalismo político superarão a universalidade dos direitos, e a educação livre de crianças numa vida amorosa e livre do casamento darão fim à história dos castigos e dos medos. Os anarquistas são guerreiros. Superam itinerários, trajetos conhecidos de espaços reconhecidos para lugares certos, inventando percursos. Diferenciam-se dos demais socialistas que requerem a tomada pacífica ou revolucionária do Estado, com democracia ou ditadura de classe, sob o regime determinado por uma consciência científica superior, capaz de organizar a massa. Para o anarquista a *consciência* se ergue na prática, nas mobilizações, na vida das associações. Experimenta-se a utopia. (Passetti, 2007: 66).

Ao invés de encarar os protestos dos Dias de Ação Global como denúncia ou utopia, talvez fosse mais interessante interpretar aqueles acontecimentos sob a perspectiva do conceito quase auto-explicativo de *zona autônoma temporária* (TAZ, de acordo com a sigla em inglês), formulado por Hakim Bey. Bey argumenta que o “levante” e a insurreição” são palavras usadas para caracterizar revoluções que fracassaram, e que, por isso mesmo, sugerem a possibilidade de escapar da espiral hegeliana do progresso (Bey, 2004: 15). O conceito de TAZ surge da crítica à revolução e de uma análise do levante (Idem: 21):

“A História diz que uma Revolução conquista ‘permanência’, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é ‘temporário’. Nesse sentido, um levante é uma ‘experiência de pico’ se comparada ao padrão ‘normal’ de consciência e experiência. (...) A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, *antes* que o Estado possa esmagá-la.” (Ibidem: 16-17).

Bey também frisa que a TAZ possui uma dimensão festiva, carnavalesca, planejada, mas espontânea (Ibidem: 26), ressalta a importância da internet como um sentido a ser somado aos demais na experimentação da TAZ (Ibidem: 41) e chega a mencionar a criação de redes como uma tática positiva de política (Ibidem: 65). Vimos como todos esses elementos estão nos Dias de Ação Global: o carnaval, o surgimento da Mídia Independente, o misto de planejamento e espontaneísmo e a organização em rede.

Porém quando o uso da violência é utilizado como critério de avaliação das ações diretas executadas por uma parte dos anarquistas dentro do movimento, adotado pela vertente reformista que o compõe, formada principalmente de membros ou ex-membros de partidos políticos, sindicatos e ONGs, é que podemos notar a introdução de um elemento *moral*, e nisso o primeiro indício da captura desses movimentos. A partir desse momento os anarquistas não podem mais compor com a multidão, as relações características do corpo formado por ela não mais convém às práticas de liberdade<sup>22</sup>.

### **Bibliografia citada:**

AVELINO, Nildo. **“Anarquias, ilegalismos, terrorismos”**. En: PASSETTI, Edson & OLIVEIRA, Salete (orgs). **Terrorismos**. São Paulo : Educ, 2006. 186p. ISBN : 85-283-0343-8. p.125-138.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. Trad. Renato Rezende. São Paulo: Conrad, 2004. 88p. ISBN: 85-87193-43-0

COLSON, Daniel. **Pequeño léxico filosófico del anarquismo de Proudhon a Deleuze**. Trad. Heber Cardoso. Benos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003.287p. ISBN: 950-602-449-9

**Days of Dissent**. Dissent. 2004, Special Edition. UK: Dissent!

EPSTEIN, Barbara. “Anarchism and the Anti-Globalization Movement”. In: **Monthly Review**. 2001, v.53, n.4.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1981. 295p. ISBN: 85-70380-19-4

\_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 134p. ISBN: 85-7110-425-5

\_\_\_\_\_. Outros Espaços. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Michel Foucault Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. ISBN: 85-21803-90-7. 411-422p.

KROPOTKIN, Piotr. **El apoyo mutuo – un factor de la evolución**. Móstoles, Madre de Tierra, 1989. 352p. ISBN 978-84-87169-05-2



LUDD, Ned (org). ***Urgência das ruas. Black Block, Reclaim the Streets e os dias de Ação Global.*** Trad. de Leo Vinicius. São Paulo: Conrad, 2002. 222p. ISBN: 85-87193-61-9

MAITRON, Jean. ***Ravachol e os anarquistas.*** Trad. Eduardo Maia. Lisboa: Antígona, 1981. 186p. ISBN: 972608041X

NOTES FROM NOWHERE (org). ***We are everywhere – the irresistible rise of global anti-capitalism.*** New York : Verso, 2003. 521p. ISBN: I-85984-447-2

ONE-OFF PRESS (org). ***On fire – the anti-capitalist movement.*** [s.i]: One-Off Press, 2001. 141p. ISBN : 902593-54-5

PASSETTI, Edson. ***Anarquismo urgente.*** Rio de Janeiro: CCS-SP/Achiamé, 2007. 122p. ISBN: 978-85-60945-00-9

RYOKI, André & ORTELLADO, Pablo. ***Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil.*** São Paulo: Conrad: 2004. 146p. ISBN: 85-7616-004-8

**Disponível na internet:**

***Documentos e boletins da Ação Global dos Povos:***

<http://agp.org>

***Earth First!:***

<http://www.earthfirst.org>

***Friends of the Earth:***

<http://www.foe.co.uk>

***London Greenpeace:***

[http://www.mcspotlight.org/people/biogs/london\\_grnpeace.htm](http://www.mcspotlight.org/people/biogs/london_grnpeace.htm)

***Reclaim The Streets:***

<http://rts.gn.apc.org/>

---

<sup>1</sup> Apesar da AGP não se definir como uma organização ela possui uma filosofia organizacional baseada na descentralização e na autonomia. A AGP não tem um “escritório central”, não tem fundos, membros ou representantes (Notes From Nowhere: 96). Essa também é uma das características das organizações em rede, e o FSM também compartilha desses princípios, embora possua uma estrutura organizacional mais rígida, com Comitês, Secretários, etc.

<sup>2</sup> A noção de autogestão surge na segunda metade do século XX e se inscreve na tradição emancipadora do anarquismo. Para essa tradição, o poder monopolizado pelo Estado, o Capital ou Deus e seus representantes,

---

deve ser reapropriado pelos seres que o produzem. A autogestão libertária não consiste em descentralizar o poder, em confiar uma margem de autonomia aos escalões inferiores da sociedade, em aumentar a participação dos cidadãos para que cumpram mais eficazmente seu compromisso com o Estado. A autogestão libertária passa necessariamente pela autonomia anarquista que remete às forças constitutivas dos seres, que permitem afirmar sua existência e associar-se com outros para constituir uma força vital cada vez mais poderosa (Colson, 2003: 42-44).

<sup>3</sup> Ainda que o livro *Urgência das Ruas*, que traz uma coletânea de textos elaborados por participantes de alguns movimentos que fazem ou fizeram parte da AGP, como o Black Block, o Reclaim the Streets e os próprios Dias de Ação Global organizados pela AGP, reconheça como influências importantes alguns pensadores anarquistas e libertários conhecidos como Bakunin, Kropotkin, Emma Goldman, Alexandre Berman, Murray Bookchin e Hakim Bey (Ludd, 2002: 15).

<sup>4</sup> Um grupo de afinidade é a unidade fundamental da ação direta praticada nos movimentos antiglobalização e sua definição é um tanto simples: um grupo de pessoas que se reúne em torno da realização de alguma ação direta. Assim como a ação direta, o grupo de afinidade aparece inicialmente na Guerra Civil Espanhola, praticado por anarquistas, reaparecendo nos movimentos contra o uso da energia nuclear na década de 70 (Notes From Nowhere, 2003: 88).

<sup>5</sup> O grupo define-se como uma rede de ação direta para revoluções sócio-ecológicas, globais e locais, para transcender qualquer hierarquia ou autoritarismo, bem como o capitalismo, defendendo a idéia de uma forma diferente de ocupação do espaço público. Disponível em <<http://rts.gn.apc.org/>>, último acesso em 24 de setembro de 2008.

<sup>6</sup> Movimento que pleiteava o cancelamento da dívida externa dos países dos chamados países de terceiro mundo até o ano 2000. No início de 2001 o movimento dividiu-se em vários outros ao redor do mundo.

<sup>7</sup> A escolha da sigla J18 incorporou-se aos demais Dias de Ação Global e teve o objetivo de refletir a diversidade e o alcance mundial dos eventos, não se referindo a nenhum grupo ou localidade geográfica específica (Days of Dissent: 13).

<sup>8</sup> A tese do apoio mútuo, ou ajuda mútua, também é um princípio anarquista defendido especialmente por Kropotkin em seu livro *O apoio mútuo*. Partindo de uma oposição às idéias de Darwin sobre a luta que ocorre entre indivíduos da própria espécie como fator de evolução, Kropotkin argumenta que é a ajuda mútua, a solidariedade entre indivíduos da mesma espécie, que garante a evolução; mais ainda, o apoio mútuo é um fator biológico, existente em todas as espécies e base de todas as concepções éticas (Kropotkin, 1989). O apoio mútuo poderia ser comparado ao *comum* multitudinário defendido por Negri, mas a noção de ajuda mútua é mais ampla, pois não tem fundamento exclusivo trabalho; além disso, o Estado é visto como uma instituição que corrompe a predisposição natural à ajuda mútua e, como vimos, a multidão não exclui uma possível aliança estratégica com o Estado. A referência à ajuda mútua em diversos comunicados aos Dias de Ação Global como aquilo que substituirá a ordem social existente é importante pois é um primeiro indício de um conteúdo utópico do movimento, tendência que se concretizará nos Fóruns Sociais Mundiais, ainda que neles a utopia passe pelo Estado.

<sup>9</sup> Os Centros de Mídia Independente, ou *Indymedia Centers* têm sua origem no J18. A idéia básica era de que alguns grupos não concordavam com a cobertura que a chamada imprensa oficial faria sobre o J18, então um “grupo de mídia”, com a idéia de fazer a cobertura dos protestos e fazer sua transmissão via internet. Havia um centro de mídia em Londres, trabalhando junto com outros grupos da Austrália. Pela primeira vez os protestos foram transmitidos pela internet (Days of Dissent: 15). Os Centros de Mídia Independente tomaram fora nos eventos de Seattle e espalharam-se pelo mundo, existindo atualmente em todos os continentes e também no Brasil.

<sup>10</sup> Grupo de ativistas com preocupações ecológicas existentes desde 1979 definem-se como um movimento e como uma prioridade, a da preservação do planeta, e não uma organização. Também apoiam ações diretas

---

(embora o termo utilizado por eles seja “pressão direta”) e a desobediência civil. Informações disponíveis em <<http://www.earthfirst.org/>>, último acesso em 5 de outubro de 2008.

<sup>11</sup> Grupo de ativistas com preocupações ambientalistas existente desde a década de 70. Não possui membro, mas apenas pessoas que partilham uma preocupação sobre a opressão de suas vidas e a destruição meio ambiente, apóiam o livre-pensamento, a vida sem líderes e a necessidade de uma revolução social. Vale ainda ressaltar que esse grupo não é ligado à ONG internacionalmente conhecida como *Greeppeace*. Informações disponíveis em <[http://www.mcspotlight.org/people/biogs/london\\_grnpeace.html](http://www.mcspotlight.org/people/biogs/london_grnpeace.html)>, último acesso em 5 de outubro de 2008.

<sup>12</sup> Ainda que no Brasil, sobretudo em São Paulo, as maiores mobilizações dos Dias de Ação Global tenham ocorrido somente no S26 (26 de setembro de 2000), André Ryoki e Pablo Ortellado iniciam sua cronologia do movimento antiglobalização no Brasil com o J18. (Ryoki & Ortellado, 2004: 140).

<sup>13</sup> Rede de Ação Direta em português. Confederação de grupos de afinidade anarquistas e anti-autoritários, coletivos e organizações formados para coordenar especificamente essa ação direta no N30. Depois de Seattle foi formada a *Continental Direct Action Network*, espalhando-se por diversas cidades dos Estados Unidos e Canadá, adotando os princípios da AGP e realizando muitos outros protestos até sua dissolução em 2001.

<sup>14</sup> Associação internacional baseada na proteção dos direitos humanos e promoção da justiça social, econômica e ambiental do mundo. Informações disponíveis em <<http://www.globalexchange.org/>>, último acesso em 7 de outubro de 2008.

<sup>15</sup> Organização ambiental de proteção de florestas, dando especial ênfase às florestas tropicais, que também tem como princípio a ação direta não-violenta.

<sup>16</sup> Os protestos não ocorreram apenas em Seattle, mas em diversos países do mundo: França, Turquia, Índia, Filipinas e Brasil, apenas pra citar alguns.

<sup>17</sup> ONG internacional que se propõe a monitorar as atividades de instituições financeiras internacionais (como o FMI, o Banco Mundial, etc.) e propor alternativas construtivas para suas políticas. Suas atividades se restringem aos países da Europa Oriental. Mais informações disponíveis em <[www.bankwatch.org/](http://www.bankwatch.org/)>, último acesso em 24 de outubro de 2008.

<sup>18</sup> ONG que tem sua sede no Reino Unido, voltada à preservação do meio-ambiente. Mais informações em <<http://www.foe.co.uk/>>, último acesso em 24 de outubro de 2008.

<sup>19</sup> Seção tcheca da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), associação anarco-sindicalista.

<sup>20</sup> Tática de desobediência civil em que os ativistas vestem-se com macacões brancos com alguma proteção, marchando juntos, tentando impedir a ação policial sobre demais manifestantes, sem confronto com a polícia. Os *Tute Bianche* foram uma tática desenvolvida pelo grupo italiano *Ya Basta*, de inspiração zapatista.

<sup>21</sup> É importante notar que Negri opera uma diferença conceitual entre biopoder e biopolítica, o primeiro termo designando o domínio do poder sobre a vida, o segundo a resistência da vida contra o poder, resumindo, biopoder como dominação e biopolítica como resistência. Vale lembrar que nas pesquisas realizadas por Foucault o conceito de biopolítica apreende o momento em que o poder investe sobre o corpo, não mais o corpo máquina, mas o corpo espécie. Biopolítica é o poder resultante não só das disciplinas sobre o corpo de um indivíduo, mas também sobre uma população (cuidado com a saúde, higiene etc.), implicando, também, resistências (Foucault, 1997: 89-97).

<sup>22</sup> Daniel Colson (Colson, 2003: 164) assinala o fato de que no pensamento libertário, multidão, utilizada sem artigo, sem ser una, como resalta Negri (Negri, 2005: 287), remete à anarquia, ao múltiplo e ao diferente, a uma composição potencialmente ilimitada dos seres a partir de uma proliferação de forças e subjetividades singulares, e não presa à produção do comum que remete ao trabalho como fundamento ontológico do

---

homem. Se pensarmos multidão com Deleuze, cuja leitura de Spinoza tem um viés nietzschiano e não marxista, como na leitura que dele faz Negri, talvez a melhor maneira de constituí-la seja na prática anarquista das *associações*.